

Interpretação da decisão do Citi

Não se trata de saber se os bancos ficaram mais ou menos fortes frente aos países endividados. Há duas leituras possíveis nesse caso, e uma favorece evidentemente ao Brasil. Se é verdade que o principal banco credor (4,6 bilhões de dólares *pendurados* no Brasil) tem posição de barganha mais sólida, também o endividado pode argumentar que qualquer tipo de resultado a ser obtido em futuras negociações é uma vantagem para o banco: a instituição já não estava mesmo contando com esse dinheiro.

As preocupações maiores surgiram com a evidente cautela com que o Citicorp cercou a tomada de sua decisão: o banco não acredita que a conjuntura internacional evolua de maneira positiva, não considera os devedores em condições de saldar seus débitos e, pior ainda, acha que as taxas de juros internacionais podem subir bastante. O *Wall Street Journal*, aliás, considera possível que elas atinjam os 9% ainda no mês de junho. Um pouco mais e acordos de renegociação recentemente firmados com o México e a Argentina, além das Filipinas e Venezuela, teriam de ser reabertos.

É a Argentina, por sinal, e não o Brasil o país que se sentiu mais atingido com a medida anunciada pelo Citicorp. Na véspera os argentinos haviam acertado finalmente um pacote que teriam de vender a mais de 500 bancos credores. A tarefa ficou consideravelmente mais difícil agora. Os *prêmios*, isto é, condições mais vantajosas oferecidas aos *early birds* (os primeiros bancos a assinarem os compromissos) provavelmente nem serão requisitados.

Os sinais que o governo brasileiro vêm recebendo de suas antenas em Washington, contudo, não são pessimistas. "O que tem de mudar aqui", observa destacado assessor do presidente Sarney, "é essa miopia tipicamente nacional de considerar que tudo foi feito por nossa causa. Parece-nos que a reação do Citicorp devia-se muito mais à conjuntura internacional global do que simplesmente aos problemas que o Brasil negavelmente criou com sua moratória."

Nesse sentido, analistas do governo voltam a insistir em que a situação internacional é que pode ser prejudicial aos interesses bra-

sileiros, e não as medidas específicas do banco. Eles acham que o Brasil ganhou algum espaço para respirar com a recuperação da balança comercial, o que implicaria economizar algumas das reservas cambiais, cujos níveis não estão longe dos 3,9 bilhões anunciados a 20 de fevereiro pelo presidente Sarney.

A jogada de John Reed, o *chairman* do Citi, mesmo no exterior continua provocando reações desencontradas. Leonard Silk, o prestigiado comentarista econômico do *The New York Times*, não conseguiu chegar a uma conclusão (com exceção de considerar liquidada a estratégia do governo americano, traduzida no Plano Baker) mas acha que o Citi conseguiu de maneira exemplar colocar de uma só vez sobre a mesa, quase que didaticamente, os grandes desafios representados pela ameaça à moeda mais importante para o mundo (o dólar) e para os principais devedores.

"É um cenário", observa um excelente observador no Planalto, "no qual nós nos tornamos pequenos, muito pequenos." (W.W.)